



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "No meio do caminho: o dilema de pessoas pardas no Brasil"

Acadêmica: Milena Melo Caetano

Orientador: Mario Luiz Fernandes

Data: 27/11/2025

Banca examinadora:

1. Laura Seligman
2. Oswaldo Ribeiro da Silva

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca destaca a qualidade do trabalho e recomenda a exibição do vídeo na TV UFMS.

Campo Grande, 27 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Mario Luiz Fernandes, Professor do Magisterio Superior**, em 27/11/2025, às 16:21, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 27/11/2025, às 16:52, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6019519** e o código CRC **9CAE4791**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6019519



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

NO MEIO DO CAMINHO

Os dilemas que pessoas pardas vivem no Brasil

MILENA MELO CAETANO

Campo Grande

NOVEMBRO 2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



NO MEIO DO CAMINHO

Os dilemas que pessoas pardas vivem no Brasil

MILENA MELO CAETANO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr Mário Luiz Fernandes

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



AGRADECIMENTOS

Muitas vezes, o lugar onde você se encontra é um sonho compartilhado, do qual sozinha talvez não fosse fácil alcançar. Agradeço, principalmente e antes de tudo, minha família. Minha mãe Guacira e meus avós Terezinha e Agostinho, os primeiros a acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditava, vocês são e sempre serão meu abraço acolhedor e meu lar. Agradeço também aos amigos que compartilharam as risadas e os choros, que estavam comigo vivendo não apenas a universidade como também a vida. Com vocês, a jornada foi muito mais fácil e prazerosa.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

RESUMO:	5
INTRODUÇÃO	6
1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	9
1.1 Execução:	9
1.1.1 Pré-projeto	9
1.1.2 Pré-roteiro e busca de fontes	9
1.1.3 Pré-entrevistas, entrevistas e gravação	10
1.1.4 Decupagem e roteiro	11
1.1.5 Criação dos clipes	11
1.1.6 Gravação da apresentação e dos offs	11
1.1.7 Montagem e edição	12
1.2 Dificuldades Encontradas	12
1.3 Objetivos Alcançados	13
2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:	14
2.1 Miscigenação, eugenia e branqueamento	14
2.2 Democracia racial	16
2.3 A inclusão de pardos como negros	17
2.4 Limbo-identitário	17
4.5 Pardos são negros?	18
4.6 Documentário	19
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
4. REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE A - PRÉ-ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO	26
APÊNDICE B - ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO	32



RESUMO:

O presente trabalho é um documentário que aborda a identidade racial de pessoas pardas no Brasil e visa promover um debate em torno da definição do termo pardo no país. A produção objetiva elucidar alguns pontos históricos importantes do termo, como o processo de miscigenação do país, a inclusão de pretos e pardos na categoria negro e qual o perfil do pardo que é deferido nas bancas de heteroidentificação de universidade e concursos públicos quando o candidato escolhe aplicar para as vagas afirmativas. A partir de entrevistas, compreendeu-se que pela Lei do Estatuto de Igualdade Racial pardos são sim considerados negros, mas que a avaliação de pardos nas bancas se dá a partir de suas características fenotípicas semelhante à de pessoas pretas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; audiovisual; documentário; negritude; pardos; cotas



INTRODUÇÃO

O Brasil caracteriza-se, desde sua formação, por um intenso processo de miscigenação. Em contraste com nações como os Estados Unidos da América, que adotaram políticas de segregação racial institucionalizadas por meio de legislações que promoviam a separação entre pessoas brancas e negras, ou como ocorreu no regime de *apartheid* na África do Sul, o contexto brasileiro seguiu um caminho distinto. No país, a miscigenação foi incentivada como estratégia de embranquecimento da população, inserida em um projeto ideológico que buscava a assimilação e o apagamento das identidades negras e indígenas, sob a justificativa de uma pretensa harmonia racial (Bueno, 2024).

Essa forma de lidar com a questão racial, tão diferente dos confrontos violentos experienciados pelos países mencionados acima, fez com que a palavra racismo fosse, por muito tempo, considerada tabu no Brasil. Essa pretensa "democracia racial" foi o que fez com que discussões acerca do racismo no país fossem temas difíceis de serem debatidos. Foi apenas com o fim da segregação e o Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos, quando as desigualdades raciais passaram a ser atribuídas a mecanismos sociais mais sutis – como educação escolar, pobreza e seletividade no mercado de trabalho – que a percepção da discriminação racial mudou nos Estados Unidos e, por consequência, no Brasil (Guimarães, 1995, p.29).

A miscigenação que aconteceu em nosso país fez com que, ao longo dos anos, não fosse possível assimilar uma sociedade de pretos e brancos como nos Estados Unidos. Era necessária uma classificação que abarcasse o grande número de brasileiros e brasileiras que estavam no meio entre esses termos.

A classificação oficial de raça no Brasil é feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo elas: preto, pardo, amarelo, indígena e branco. O termo "pardo" é usado para definir pessoas negras ou indígenas com ascendência branca (Lago; Montibeler; Miguel, 2023). A categoria "pardo", inclusive, já estava presente desde o primeiro Censo (Campos, 2015, p.82).

Nos anos 1970, um esforço dos movimentos negros e das ciências sociais abarcou pretos e pardos em uma categoria mais ampla: negros (Campos, 2013). Isso



ocorreu após ser observado que os índices educacionais e socioeconômicos de pessoas pretas e pardas eram muito similares, o que significava que compartilhavam da mesma herança de precarizações e vulnerabilidades sociais (Campos, 2013). Em contrapartida, essa movimentação acabou contribuindo para o apagamento das populações indígenas (Lago; Montibeler; Miguel, 2023).

Dados do Censo 2022¹ apontam que quase metade da população brasileira se considera parda: são 45,5% contra 10,2% que se autodeclararam pretos. Isso indica que são mulheres e homens que não se sentem representados por uma classificação dicotômica de preto ou branco, mas também traz uma reflexão: quantas dessas pessoas se identificam com suas origens negras ou indígenas e quantas delas se encontram em uma espécie de limbo identitário?

Pessoas pardas, com seus fenótipos que "pertencem" tanto a pessoas brancas quanto a pessoas negras, sofrem cotidianamente com o não pertencimento de uma identidade racial. Se, por um lado, seus traços lhes concedem "passabilidade" e até evitam algumas violências mais escrachadas, o racismo ainda está presente na invisibilidade de sua negritude, como podemos observar nos casos de pessoas pardas que tiveram as cotas negadas em universidades e concursos públicos.

Um exemplo recente é do estudante Richard Aires de Sousa, 19 anos, aprovado pelas cotas de pretos e pardos pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, mas barrado pela Comissão de Heteroidentificação pelo cabelo liso e tom de pele mais claro.²

Richard faz parte desse contingente de brasileiros com características multirraciais que o colocam sob escrutínio da sociedade. Richard pode ter traços negros demais para ser considerado branco, mas não negro o suficiente para ingressar na faculdade pelas cotas. Com isso, a problemática que move este trabalho é: todas as pessoas pardas são negras? Para quais pardos as cotas de universidades e concursos públicos são destinadas?

¹ Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>

² Disponível em:

<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2025/03/19/aluno-aprovado-por-cotas-e-barrado-em-banca-da-ufg-por-nao-ser-considerado-pardo-houve-a-alegacao-de-que-eu-tenho-cabelo-liso-e-pele-clara.ghtml>



O trabalho é um documentário. Por se tratar de um tema que visa trabalhar, sobretudo, cor de pele, traços e características físicas, acredito que seja o formato mais adequado para passar a mensagem.

Este tema também é uma questão pessoal com a qual sempre tive que lidar, pois nunca consegui me identificar como uma pessoa negra, com medo de estar reivindicando uma identidade que não me pertence, mas também cansada de escutar que pardo é apenas cor de papel e não é uma categoria válida de autoidentificação.

O documentário cumpre com duas funções principais que se complementam. A primeira delas vem da minha experiência pessoal como uma pessoa com a pele escura demais para ser considerada branca, mas com cabelos lisos e características ambíguas que me dão passabilidade.

A questão racial no Brasil é um tema muito amplo e por isso, com pouco consenso. Acredito que por isso, por mais que existam sim, muitos livros, artigos e até mesmo obras audiovisuais sobre o tema, falar sobre raça, cor e racismo continua sendo importante, atual e norteador para todos.

A segunda função desse trabalho é que o conteúdo produzido seja de fácil compreensão e acessibilidade para pessoas que não estão inseridas no contexto acadêmico ou político. São 92 milhões de brasileiros que se autodeclaram pardos e é preciso trazer a discussão sobre raça e identidade para quem está na base também.

O formato audiovisual é justificado pelo tema. Afinal, cor, fenótipo e aparência são profundamente visuais. Durante toda minha vida, sempre tive mais facilidade em aprender sobre qualquer assunto quando tinha à minha disposição uma apresentação em vídeo e áudio, portanto, gostaria que o meu TCC fosse neste formato de fácil compreensão.

Espero encontrar algumas respostas para as muitas dúvidas que cultivei nestes anos e também ajudar quem possa estar em situação semelhante.



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A primeira etapa para o desenvolvimento desta produção foi a realização do pré-projeto no primeiro semestre de 2025, com a criação de uma base teórica e a definição dos temas que seriam abordados. A segunda etapa foi realizada no segundo semestre de 2025, com a elaboração do pré-roteiro (Apêndice A), onde foram definidas quais fontes seriam abordadas, as perguntas que seriam feitas e o esqueleto geral do que cada cena seria. A terceira etapa foi o contato com as fontes entrevistadas e a realização da pré-entrevista. A quarta etapa foi o início das gravações. A quinta etapa foi a decupagem das entrevistas e a produção do roteiro (Apêndice B), para definir o que iria entrar na produção. Por fim, a última etapa foi a edição do documentário.

1.1 Execução:

1.1.1 Pré-projeto

Realizado no primeiro semestre de 2025, o pré-projeto foi o primeiro passo que me possibilitou entender se era possível a realização deste trabalho. Neste período, realizei pesquisas tanto em materiais acadêmicos como também nas redes sociais, como o *Tiktok* e o *Youtube*, assistindo entrevistas e influenciadores que falam sobre negritude. Foi com o pré-projeto que eu defini quais temas abordar, qual o perfil de fonte ideal para entrevistas e realizei o cronograma para organizar o prazo da entrega do trabalho.

1.1.2 Pré-roteiro e busca de fontes

Em agosto de 2025, voltei a trabalhar com o projeto. Durante a segunda semana do mês, concluí o pré-roteiro da produção. O pré-roteiro foi um documento que serviu como guia para esboçar o que eu queria que estivesse presente no documentário, as



minhas falas, o que gostaria que cada entrevistado contasse e quais elementos estariam presentes.

Neste documento, também formulei as perguntas que seriam feitas e as possíveis fontes. Para o levantamento da fonte especialista em negritude, entrei em contato com as professoras da UFMS, Katarine Miguel Couto e Geovana Quinalha e pedi indicações. A partir desta ação, consegui o contato da professora Thaize de Souza Reis, do curso de Psicologia da UFMS.

Com o objetivo de conseguir uma fonte personagem que tivesse vivido a experiência de ter indeferida sua solicitação de vaga por ação afirmativa, pesquisei sites jornalísticos de Campo Grande. Consegui o nome e o contato de três pessoas, mas apenas uma mulher aceitou participar, Aline Medina. Também por indicação, consegui o contato e a participação de Ingrid Queiroz, servidora pública da UFMS e membro da banca de heteroidentificação da universidade, para falar sobre os critérios da banca.

1.1.3 Pré-entrevistas, entrevistas e gravação

Após as entrevistadas aceitarem participar, marquei uma pré-entrevista com elas para apresentar o meu trabalho. Com essa etapa concluída, houve um período de pausa para o início das gravações pois o microfone de lapela que eu havia encomendado ainda não havia chegado.

Na terceira semana de setembro, iniciei as gravações. A princípio, realizei captações da UFMS para usar como imagens de apoio.

Na quarta semana de setembro, aconteceram três entrevistas, em três dias seguidos. As entrevistas ocorreram no campus da faculdade, com duas câmeras *Canon*, dois tripés e o microfone conectado ao celular para captação de áudio. Nesta etapa, foi necessário o auxílio de dois amigos, cada um responsável por uma câmera, para avisar de possíveis problemas tais como a fonte sair do enquadramento ou a câmera parar de gravar. As três entrevistas aconteceram da mesma forma.



A entrevista com a Thaize foi a mais demorada, com 20 minutos, seguida da Ingrid, com 11 minutos, e da Aline, com apenas oito minutos.

1.1.4 Decupagem e roteiro

Após as entrevistas, realizei a decupagem dos áudios e reescrevi o roteiro, adicionando a fala das entrevistadas. Foi um processo que durou uma manhã de trabalho.

1.1.5 Criação dos clipes

A edição do documentário foi realizada usando o *Adobe Premiere* e em dois ambientes: no meu estágio e na universidade.

Primeiro, baseando-se na decupagem e no roteiro, localizei e recortei os clipes de cada uma das falas que iriam entrar no documentário e fiz a sincronização do vídeo com o áudio captado no microfone. A cada clipe feito de um ou dois minutos, eu o nomeava a partir do nome da fonte e a ordem em que o clipe iria entrar no documentário, exemplo: “Thaize_01”, “Ingrid_02”, “Aline_01”. O Todo o processo de recorte dos clipes, sincronização com o áudio captado do microfone e sobreposição das imagens durou por volta de quatro dias, alternando entre os meus dois locais de trabalho descritos anteriormente.

1.1.6 Gravação da apresentação e dos *offs*

Com os clipes prontos, foi o momento de gravar a segunda parte do documentário, a minha apresentação. Nessa etapa, foi preciso ajuda de uma amiga para gravação. Com o roteiro feito, gravei todas as falas e *offs* restantes para a montagem. Toda a gravação das cenas em que eu apresentava foram gravadas em uma única tarde.



1.1.7 Montagem e edição

Com todos os clipes prontos, foi preciso abrir o roteiro e seguir a ordem da apresentação e entrevistas. Ao final dessa etapa, a montagem bruta contava com o conteúdo do documentário pronto, mas com a edição incompleta.

Em seguida, adicionei as legendas de apresentação das entrevistadas, os créditos finais e a abertura do documentário. Esta etapa foi a mais demorada, durou todo o período que eu tive até a entrega do relatório e do produto para banca. A cada vez que eu salvava o arquivo, eu mudava o nome para o número de sua versão, foram 9 versões ao total. As mudanças não eram expressivas, o conteúdo estava finalizado. Em uma versão, eu atualizada a apresentação das fontes, na próxima versão, eu diminuía a fala extensa de uma fonte, na outra, eu trocava a ordem das falas para entender como faria mais sentido. No fim, o processo durou praticamente todo mês de outubro e início de novembro.

1.2 Dificuldades Encontradas

As principais dificuldades que encontrei foram referentes aos equipamentos, principalmente pelo fato de que não eram meus. Durante o meu pré-projeto, havia decidido gravar com uma câmera do curso e o meu celular, porém, após testes, notei que a diferença de qualidade entre os dois era algo que me incomodava, então, segui as gravações usando duas câmeras *Canon*, uma do curso e a outra de uma amiga.

A primeira dificuldade que encontrei foi com o foco da câmera, que precisava ser ajustado manualmente e, pelo visor do aparelho ser pequeno, passava a impressão de que a imagem estava nítida, mas quando visto pelo computador, notava-se que a imagem estava um pouco desfocada. Este problema conseguiu ser ajustado na pós-produção, com recursos do programa *Adobe Premiere*.

Ainda sobre equipamentos, outra grande dificuldade ficou no momento da edição do documentário. Como as câmeras que usei não tinham suporte para o microfone de lapela, precisei gravar o áudio pelo celular e sincronizar com os vídeos, um por um.



Outro ponto de dificuldade foram os horários limitados para a edição. Por não possuir um computador com capacidade de edição, precisei dividir a produção entre o computador dos laboratórios de redação da faculdade e o computador do meu estágio, que meu chefe permitiu que eu usasse após o período de trabalho. Com isso, meus momentos de edição ficaram restritos ao horário comercial de terça a sexta de até no máximo 17 horas.

Outra dificuldade foi na busca de fontes. Minha ideia inicial era ao menos duas entrevistas com pessoas pardas que tiveram problemas com as vagas afirmativas. Entretanto, tirando a Aline, que aceitou participar, nenhuma outra fonte sequer retornou minhas mensagens. Ainda sobre fontes, meu plano era encontrar um pensador ou pensadora de assuntos étnico-raciais com uma visão diferente sobre pessoas pardas serem negras, mas a única fonte com essa vertente de pensamento que eu encontrei também não aceitou participar.

A montagem do documentário pelo *Adobe Premiere* foi, também, bastante desafiadora devido ao meu pouco contato com o programa ao longo do curso, precisei de muito auxílio de tutoriais do *Youtube* e isso atrapalhou um pouco a fluidez e rapidez do processo de montagem.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo geral do trabalho foi realizar um documentário sobre a identidade racial parda no Brasil. Neste sentido, o objetivo foi alcançado ao trazer fontes e entrevistas que abordam a questão do pardo na história e na vivência.

Os objetivos específicos também foram alcançados. O documentário abarcou quem são os negros, pretos e pardos; se pessoas pardas são pensadas como pessoas negras e também o dilema que pessoas pardas vivenciam por seus fenótipos ambíguos, como no processo de vagas afirmativas em universidades em concursos públicos.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

Falar sobre os pardos é falar sobre a história do Brasil desde a sua formação. O termo apareceu em 1872, no primeiro censo realizado no país, para designar a parcela de descendentes de escravizados que nasceram livres ou foram alforriados (Campos, 2013). Hoje, ele continua em uso pelas instituições governamentais e está presente nas fichas médicas, questionários on-line e até mesmo nas cotas de universidades públicas.

Apesar de sua história antiga, o termo não é consenso entre estudiosos, muito menos entre a população. Quando falamos sobre essa grande parcela de brasileiros com características que muito se assemelham aos brancos, aos negros e até mesmo aos indígenas, estamos falando principalmente de dois grandes processos que marcaram a história do país: miscigenação e eugenia.

2.1 Miscigenação, eugenia e branqueamento

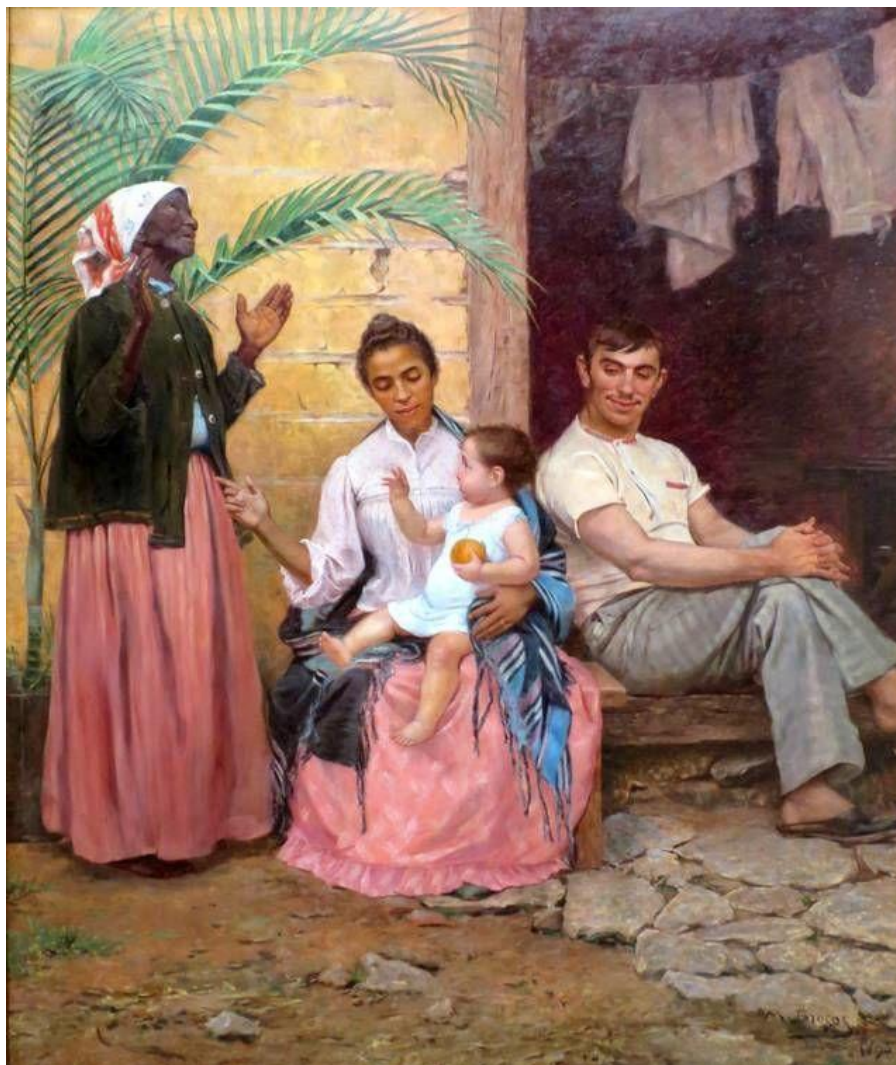
É importante destacar que a miscigenação é um termo problemático já que indica que o indivíduo miscigenado carrega uma 'marca racial' que difere da norma hegemônica branca (Devulsky, 2021 *apud*. Lago; Montibeler; Miguel, 2023). A miscigenação também é um fenômeno que acontece quando, por exemplo, pessoas brancas, mas de países diferentes (como França e Alemanha) concebem um filho. Entretanto, essa criança não será considerada miscigenada pois o branco é a norma, é a regra de beleza, intelecto e competência (Devulsky, 2021 *apud*. Lago; Montibeler; Miguel, 2023).

O pardo, mestiço, ou melhor, o negro de pele clara, carrega em si as marcas raciais e é somente por isso que ele é visto enquanto miscigenado. [...] Os pardos são necessariamente pessoas com algum atributo físico marcadamente racializado, seja este atributo a cor da pele, traços ou o cabelo e, por essa razão, argumentamos que sua negritude é percebida, porém invisibilizada (Lago; Montibeler; Miguel, 2023, p. 06).

A miscigenação no Brasil foi uma estratégia de branqueamento da população, pautada, principalmente, pela sociedade eugenista, que via na relação inter-racial o caminho para a clarear seu tom de pele até exterminar por completo a população negra, indígena e miscigenada (Gomes, 2019).

Podemos ver um exemplo desse pensamento eugenista no quadro *A Redenção de Cam* (Figura 1), do pintor Modesto Brocos, de 1895, que retrata uma mulher mais velha, de pele preta retinta, agradecendo aos céus que sua filha, uma jovem com a pele um pouco mais clara, deu à luz a uma criança branca.

Figura 1 - A Redenção de Cam



Fonte: Wikipedia



Essas políticas de branqueamento envolveram práticas cruéis como o estupro institucionalizado de mulheres pretas e políticas migratórias no final do século XIX (Gomes, 2019). O pardo é, portanto, produto de séculos de violência.

2.2 Democracia racial

Outro fator que dificulta um pensamento unificado de raça no Brasil é o que chamamos de democracia racial ou o mito da democracia racial.

Essa expressão, amplamente usada entre os anos de 1930 a 1950, carregou diversos significados que variaram de acordo com o período e também com o grupo que a utilizava (Guimarães, 2019). Ela serviu como uma espécie de propaganda da inexistência de preconceitos raciais no Brasil, sugerindo que nosso país seria um paraíso racial em que a cor não era impeditivo para a ascensão social (Guimarães, 2019).

Apesar de não criar o termo e até mesmo evitar usá-lo, um grande nome que fomentou a ideia de democracia racial tanto no Brasil como no exterior foi Gilberto Freyre. De acordo com Guimarães:

A propaganda do Estado Novo, entre 1937 e 1945, irá se encarregar de consolidar um imaginário nacional em que os ideários de fraternidade racial, democracia étnica e democracia social serão centrais. Seríamos um povo mestiço e, entre nós, preconceitos de cor ou de raça existiriam apenas em esparsas manifestações individuais, mas não seriam impedimentos para a mobilidade social nem para a participação política de pessoas de cor. No entanto, em que pese a importância dos paulistas na cunhagem da expressão, o imaginário nacional-racial do Estado Novo deve mais a Gilberto Freyre que a qualquer outro autor [...] (Guimarães, 2019, p. 14).

O ponto de virada contra esse pensamento da democracia racial acontece com o surgimento do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU), em 1978 (Guimarães, 2001). Nomes como Abdias Nascimento e Florestan Fernandes já denunciavam a farsa desse pensamento (Guimarães, 2001), mas foi com o constante crescimento do Movimento Negro Unificado que essa ideologia foi deixando de ser um consenso entre os estudiosos.



2.3 A inclusão de pardos como negros

A adesão de pessoas pardas no contexto da negritude foi oficialmente trabalhada no fim dos anos 1970, quando os sociólogos Carlos Hasenbalg e Nelson do Vale Silva usaram do censo para medir as desigualdades de classe e de oportunidades, separando dois grandes grupos: os brancos e os não brancos (Campos, 2013). Essa junção das categorias parda e preta para medir a mobilidade social fez com que o movimento negro, já na década de 1980, reunisse pretos e pardos na categoria mais ampla de negros, com a justificativa que esses dois grupos compartilhavam os mesmos índices educacionais e socioeconômicos. (Lago; Montibeler; Miguel, 2023).

Essa ação do movimento negro possuía um motivo muito específico: resgatar a identidade racial negra, mobilizar um movimento antirracista interligado e também fomentar, pesquisar e coletar dados mais assertivos sobre essa parcela da população (Lago; Montibeler; Miguel, 2023).

É possível que essa ação tenha sido, também, parte de uma tentativa para que, ao longo dos anos, a 'categoria parda' fosse entrando em desuso no momento da autodeclaração, que o indivíduo fosse se percebendo uma pessoa racializada e se reconhecesse como uma pessoa negra ou preta. Entretanto, é importante destacar que na esfera governamental, Pardo continua até hoje sendo uma categoria de identificação.

Dados do Censo 2022³, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que não apenas muitos brasileiros se identificam como pardos, como essa parcela ultrapassa o número de brancos (43,5%) e pretos (10,2%).

2.4 Limbo-identitário

Tanto Gomes (2019) quanto Lagos, Montibeler e Miguel (2023) reforçam que o pardo é uma categoria transitória, que objetivava sair do negro e do indígena e

³ Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>



mover-se para a branquitude. E é neste meio do caminho que parte da população se encontra: o não-lugar.

Desde o primeiro censo, a categoria “pardo” foi incluída (nos casos em que foi incluída) para dimensionar o estrato da população que, de acordo com os organizadores dos censos, não se classificaria nem como branco, nem como preto. Logo, ela sempre foi pensada como uma categoria residual ou mesmo como um não rótulo. [...] Não é gratuito, por exemplo, que no questionário utilizado no último censo, a opção “pardo” apareça depois da opção “branco” e “preto”, sugerindo que a escolha por ela deve ser feita somente após a recusa das alternativas polares (Campos, 2013).

Todas essas características e heranças do termo levou ao que Gomes (2019) chama de limbo racial-identitário, em que os indivíduos sofrem com a ausência da identidade e consciência racial.

Este limbo identitário em que é colocado/a socialmente pode originar ainda duas características importantes da condição do/a pardo/a: a dúvida e o silêncio, ou melhor, silenciamento. Estas características se articulam para produzir um sujeito que teme se posicionar e politizar a sua negritude (Lago; Montibeler; Miguel, 2023, p. 06).

O pardo, não se reconhecendo como pessoa racializada ou tendo dúvidas sobre a própria identidade, passa por um processo de silenciamento, negação e falta de intenção de se organizar politicamente em combate ao racismo (Gomes, 2019).

4.5 Pardos são negros?

Parece ser consenso entre estudiosos da área que os pardos são pessoas negras, justamente pela identificação de que esse grupo, quando comparado com pessoas pretas, compartilham a mesma herança de desigualdades sociais. Assim como também já mencionado, pessoas pardas, de pele mais clara, mas com fenótipos de pessoas negras, tendem a ser racializadas por essas características.

Porém, na esfera governamental, temos duas definições que podem gerar confusões e até mesmo resultar em problemas na hora de um indivíduo se autodeclarar como pessoa parda/negra em sistemas de cotas ou concursos públicos. De acordo com



o IBGE⁴, a cor parda é destinada para o contingente de brasileiros que se identificam com “a mistura de duas ou mais opções de cor ou raça, incluindo preta, parda, branca ou indígena” (IBGE, 2022, p. 09). Já a Lei do Estatuto da Igualdade Racial⁵ coloca como a população negra “o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga” (Brasil, 2010).

Como observado, essas duas classificações podem gerar um mal entendido, afinal, uma pessoa parda que se identifica assim por causa de sua ascendência indígena, ou mesmo ascendência parda, com a pele um pouco mais escura, mas sem traços de pessoas negras, acaba sendo, de acordo com o Instituto, colocada na mesma categoria de negros.

O escritor e ativista do movimento negro, Hélio Santos (2022), explica que nesses casos, especialmente quando falamos de cotas raciais, são os fenótipos que identificam quais são os pardos lidos como negros e quais são os pardos que são lidos como brancos.

Já Beatriz Bueno (2024), pesquisadora de identidades multirraciais no Brasil, questiona se tal adesão de pardos como população negra faz sentido em um país com tanta miscigenação. Bueno defende que essa estratégia de pretos e pardos como negros foi, sim, importante para a estruturação de luta antirracista conjunta, mas que negar completamente parte de sua identidade e identificar-se apenas com o grupo oprimido - como acontece em países como os Estados Unidos, em que pessoas miscigenadas sempre serão identificadas no grupo de racializados - pode gerar problemas para pessoas pardas.

4.6 Documentário

O documentário é um formato audiovisual bastante marcado pela visão que o autor tem daquilo que retrata (Melo, Gomes, Moraes, 2001). Esse tipo de subjetividade

⁴ Disponível em:

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/13ee0337cffc1de37bf0cd4da3988e1f.pdf

⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm



pode parecer ir contra o que é aprendido em jornalismo, em que a notícia é apresentada como um fato. No documentário, a parcialidade ocorre e é necessária para dar identidade ao projeto e mesmo quando há pluralidade de vozes, que podem se contradizer, existe a possibilidade que a voz que predomine seja o ponto de vista do documentarista (Melo, Gomes, Moraes, 2001).

O documentário, enquanto gênero, é produzido com objetivos bem claros de evidenciar recortes da realidade. Partindo de um fato, procura mapear outros fatos correlacionados, acontecimentos interligados, causas e consequências. Traz consigo o tom de explicação, apresenta imagens e depoimentos que comprovam o que é dito e também funcionam como registro, como mecanismo de resgate da memória humana (Melo, Gomes, Moraes, 2001, p. 08).

Apesar da marca da subjetividade neste gênero, isso não significa a perda de sua credibilidade e capacidade de trazer e narrar fatos. O autor pode e muitas vezes faz o uso de uma diversidade de fontes, apresentando opiniões diferentes e convidando o espectador a tirar suas próprias conclusões em relação ao tema, mantendo sua visão implícita (Melo, Gomes, Moraes, 2001).

Algumas das características mais importantes do documentário são: o seu caráter autoral, a não obrigatoriedade de um narrador, o uso de imagens e depoimentos que funcionam como documentos e a utilização de montagens ficcionais para simular fatos (Melo, Gomes, Moraes, 2001).

Com essas características, pode parecer que o documentário se afasta muito do jornalismo, que necessita de um narrador, que dificilmente simula situações e que não foca tanto na 'visão autoral' e sim em narrar os fatos da forma como eles ocorreram. Entretanto, o documentário também pode se propor a falar sobre assuntos de importância pública, apresentar fatos, entrevistar personagens, denunciar um ocorrido e muitas outras características também atribuídas ao jornalismo.

Ambas as áreas - jornalismo e audiovisual - contam com diversos formatos que se assemelham e divergem entre si. Portanto, é possível esse trabalho conjunto, combinando a pesquisa, as perguntas e as entrevistas jornalísticas com o formato, a montagem e visualidade da produção audiovisual/documental.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de falar sobre cor e raça, o meu projeto de conclusão de curso me acompanha há pouco mais de um ano e meio, e a ideia de abordar esse tema em formato audiovisual surgiu quando ainda estava no meu quinto semestre, realizando a matéria de Laboratório de Jornalismo Audiovisual.

O projeto tinha um objetivo bem definido: responder aos questionamentos que eu cresci sem conseguir entender, pessoas pardas são negras? Será que, ao se autodeclarar negro, o pardo não está ocupando um local que não o pertence? Todos os autodeclarados pardos são aptos a aplicar para vagas afirmativas de pretos e pardos?

A escolha pelo audiovisual se deu pelo caráter informativo e educacional que esse formato pode oferecer, entregando sons e imagens para elucidar ideias, além de casar com o tema, que é, sobretudo, sobre tom de pele.

O Brasil, por seu intenso processo de miscigenação – incentivado e até mesmo forçado como política de embranquecimento da população –, fez com que, ao longo dos anos, não fosse possível assimilar uma sociedade de pretos e brancos, como em países como os Estados Unidos. Na expressão popular, moreno, mulato, misturado, são expressões muito comuns, mas oficialmente, o Brasil também possui uma classificação para abarcar o grupo de brasileiros que se identificam com a mistura de duas ou mais cores ou raças: o pardo.

Após o esforço de grupos do movimento negro, pretos e pardos formaram uma categoria mais ampla, de negros, e em 2010, a Lei do Estatuto de Igualdade Racial declara a população negra como o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas (Brasil, 2010). Esta lei pode gerar problemas de interpretação já que, conforme definição do IBGE, pardos são os brasileiros que se identificam com “a mistura de duas ou mais opções de cor ou raça, incluindo preta, parda, branca ou indígena” (IBGE, 2022, p. 09).

Para construir este documentário, busquei fontes com vivências atravessadas pelo tema, seja ao ter vivenciado uma experiência marcante como pessoa parda, seja por sua atuação de trabalho na área.



A elaboração das perguntas foi pensada em quais as principais dúvidas que o projeto busca responder, durante as entrevistas, as perguntas foram em quase sua totalidade usadas e pouquíssimas vezes foi necessário a elaboração de perguntas adicionais durante a gravação.

Com esta produção, foi compreendido que o termo *negro* é uma categoria *política*, que abarca pretos e pardos por se tratar de dois grupos com índices sociais e econômicos muito parecidos e portanto, quando se é afirmado que negros são a maioria no Brasil⁶, ambos os grupos são incluídos.

Porém, por se tratar de um dado em que o critério é único e exclusivamente a autodeclaração, outras medidas são necessárias para avaliar cor e raça no contexto de vagas afirmativas de candidatos pretos e pardos em universidades e concursos públicos, a fim de evitar fraudes. Deste modo, foram criadas as bancas de heteroidentificação, ou bancas de veracidade, que estipulam critérios fenotípicos a serem avaliados em todos aqueles que se candidataram para as cotas. Os critérios avaliativos para as vagas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul são: a cor da pele, a textura do cabelo, o formato do nariz e o formato e cor dos lábios. De acordo com a banca, os candidatos precisam ser lidos socialmente como pessoas negras ou pretas, com traços que, historicamente, são associados a este último.

Deste modo, o termo pardo presente na oferta de tais vagas acaba criando um mal-entendido que gera, todo ano, candidatos indeferidos.

A subjetividade das bancas de heteroidentificação é uma preocupação dos membros que participam dela. Existe o critério da banca ser formada por um número ímpar, de 3 ou 5, para que, caso a decisão de deferir ou indeferir não seja unânime, seja votado pela maioria. Além disso, é indicado que a banca é composta por um grupo racial diverso, com pessoas experientes em assuntos étnico-raciais. Ainda assim, a banca pode cometer erros.

⁶ Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/maior-presenca-de-negros-no-pais-reflete-reconhecimento-racial#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20est%C3%A1%20tendo,disse%20o%20pesquisador%20Leonardo%20Athias.>



O documentário conclui que pessoas pardas são sim negras, justamente por essa aproximação entre os índices sociais e econômicos com a população preta como também pela Lei do Estatuto da Igualdade Racial. Entretanto, não são todos os pardos que possuem direito às vagas afirmativas, sendo necessário um conjunto de características fenotípicas de pessoas pretas. Ademais, apesar do termo pardo apresentar algumas problemáticas, como o afastamento do grupo da negritude, e do pouco uso do termo pela população - sendo mais utilizado moreno, queimado de sol, e outras denominações - ainda assim continua sendo necessário o seu uso, por se tratar de uma classificação oficial do país e utilizado em diversos documentos.



4.REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: **Presidência da República**, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 26 maio 2025.

BUENO, Beatriz. Pardos NÃO são negros! - Hipodescendência - Beatriz Bueno PARDITUDE. **YouTube**, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Orn2syWYeG8&ab_channel=BeatrizBueno. Acesso em 13 abr 2025.

CAMPOS, Luiz Augusto. O pardo como dilema político. **Revista Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, ed. 63, out./nov./dez. 2013. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/o-pardo-como-dilema-politico/>. Acesso em: 10 maio 2025

GOMES, Lauro Felipe Eusébio. Ser Pardo: o limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Minas Gerais, v. 05, n. 01 - Jan. - Mar., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/31930/18982>. Acesso em 10 maio 2025.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. **Novos Estudos Cebrap**, , pp. 26-44, 1995. Disponível em: <https://estudosetnicosraciaisufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/racismo-e-anti-racismo.pdf>. Acesso em 11 jun 2025.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia Racial: O ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos Cebrap**, v. 20, n. 61. 2001. Disponível em: https://arquivo.ibccrim.org.br/docs/humano_2014/guimaraes.pdf. Acesso em 11 jun 2025.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A democracia racial revisitada. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 60, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/36247>. Acesso em 11 jun 2025.

IBGE. A população por cor ou raça. **IBGE**, 2022. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/13ee0337cffc1de37bf0cd4da3988e1f.pdf. Acesso em 11 jun 2025.



LAGO, Mara Coelho de Souza; MONTIBELER, Débora Pinheiro da Silva; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. Pardismo, Colorismo e a “Mulher Brasileira”: produção da identidade racial de mulheres negras de pele clara. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 2, e83015, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/83015/54757>. Acesso em 11 maio 2025.

MELO, Cristina Teixeira V.; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**, Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>. Acesso em 11 jun 2025.

SANTOS, Hélio. Hélio Santos: "pretos e pardos estão colados no que diz respeito às dificuldades econômicas". **Youtube**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5pv0X0IK4TM>. Acesso em 11 jun 2025.



APÊNDICE A - PRÉ-ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

	CENA AUDIOVISUAL	NARRAÇÃO
cena 01	TELA PRETA - SILÊNCIO TOCA MÚSICA Inclassificáveis - Ney <u>Mato Grosso</u>) Enquanto toca, aparecem rostos em close-up, rostos de mulheres e homens pretos e pardos, com os mais diferentes fenótipos. Primeiro, rostos sérios, depois, rostos sorrindo. A tela fica preta e a música aumenta.	
cena 02	Milena apresentando na câmera Sequência de fotos da sociedade brasileira no século XIX.	FALAR SOBRE PESSOAS PARDAS É FALAR SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL DESDE SUA CONCEPÇÃO // EM 1872 / NO PRIMEIRO CENSO REALIZADO NO PAÍS / O TERMO JÁ HAVIA APARECIDO PARA NOMEAR A PARCELA DE DESCENDENTES DE ESCRAVIZADOS QUE NASCERAM LIVRES OU FORAM ALFORRIADOS/



	Mãos segurando uma ficha médica //// Pessoa de costas, de frente ao computador, preenchendo um questionário ///////// Fachada da UFMS e alunos indo e vindo no corredor central	HOJE / ELE CONTINUA EM USO // PRESENTE NAS FICHAS MÉDICAS / EM QUESTIONÁRIOS ONLINE E ATÉ MESMO NAS COTAS DE UNIVERSIDADE PÚBLICAS // APESAR DE SUA HISTÓRIA ANTIGA / O TERMO NÃO É CONSENSO ENTRE ESTUDIOSOS / MUITO MENOS ENTRE A POPULAÇÃO//
cena 03	VICENTE: Eu sou negro MATEUS: Eu sou... Pessoa 3 / Eu sou ... Pessoa 4/ Eu sou... - Vicente - Por causa do meu tom de pele, porque meu pai é negro...	
cena 04	Aglomerção de pessoas, em ruas, feiras, fazendo tarefas do dia a dia. Pessoas acima explicando o que elas acham dos pardos	PARDOS SÃO A MAIORIA SEGUNDO O CENSO DE 2022 DO IBGE // SÃO MAIS DE 92 MILHÕES DE BRASILEIROS, O EQUIVALENTE A 45,3% DA POPULAÇÃO MAS AFINAL/ QUEM SÃO OS PARDOS? E QUANDO FALAMOS SOBRE ESSA GRANDE PARCELA DA POPULAÇÃO / ESTAMOS FALANDO PRINCIPALMENTE DE DOIS GRANDES PROCESSOS



		QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO PAÍS: <u>MISCIGENAÇÃO E EUGENIA</u> /// ESTAMOS FALANDO DE UM PROCESSO VIOLENTO DA HISTÓRIA DO BRASIL
cena 05	ENTREVISTADA 01 - THAIZE REIS A entrevistada irá abordar os tópicos: • O que foi o processo de miscigenação • O que é Eugenia • Como foi o processo de embranquecimento no Brasil? • Como esse processo foi diferente dos EUA? • Quais são as consequências que essas políticas de branqueamento causam até hoje na população brasileira?	
cena 06		A IDEIA DE QUE PARDOS SÃO NEGROS GANHOU FORÇA NO INÍCIO DOS ANOS 80 / QUANDO SOCIÓLOGOS PERCEBERAM QUE ESSES DOIS GRUPOS / PARDOS E NEGROS / COMPARTILHAVAM DE UMA MESMA HERANÇA DE VULNERABILIDADES E OS MESMOS ÍNDICES SOCIAIS E ECONÔMICOS //
cena 07	Fala da ENTREVISTADA 01 - THAIZE REIS sobre o porque o Movimento Negro abrange pretos e pardos //	
cena 08		O OBJETIVO DESSA JUNÇÃO ERA BEM DEFINIDO: RESGATAR A IDENTIDADE RACIAL NEGRA E MOBILIZAR UM MOVIMENTO ANTIRRACISTA MAIS



	u-pardos/#:~:text=12.711%2F2012%2C%20sua%20atualiza%C3%A7%C3%A3o%2C,realiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20procedimento%20de%20heteroidenfica%C3%A7%C3%A3o.	
Cena 10		EM CAMPO GRANDE / MATO GROSSO DO SUL/ ALGUNS CASOS REPERCUTIRAM SOBRE PROBLEMAS DE AVALIAÇÃO
	ENTREVISTADO 03 -ALINE MEDINA • Conte como foi seu processo do vestibular? • O que aconteceu depois que você passou? • Como foi o episódio da banca? • O que você sentiu? • O que para você classifica alguém como pardo ou negro e deveria ser analisados em bancas raciais?	
cena	animação com a definição do termo pelo IBGE e pela Lei de Igualdade racial Takes de uma pessoa olhando para o espelho, encarando seu reflexo e questionando sua cor/raça	DE ACORDO COM O IBGE / PARDOS SÃO O GRUPO DE BRASILEIROS QUE SE IDENTIFICAM COM A MISTURA DE DUAS OU MAIS OPÇÕES DE COR OU RAÇA, INCLUINDO PRETA, PARDA, INDÍGENA OU BRANCA // MAS / DE ACORDO COM A LEI DO ESTATUTO DE IGUALDADE RACIAL / NEGROS SÃO O CONJUNTO DE PESSOAS QUE SE AUTODECLARAM PRETOS E PARDOS // COMO DÁ PARA NOTAR/ ESSAS DUAS CLASSIFICAÇÕES PODEM GERAR UM MAL ENTENDIDO // AFINAL NEM TODO MUNDO QUE SE DECLARA PARDO / SE ENTENDE COMO UMA



		MISTURA ENTRE PRETO E OUTRA COR //
	ENTREVISTADA 01 - THAIZE REIS • Todos os pardos são pessoas negras? Como fazer essa diferenciação?	
	ENTREVISTADA 2 - Opção: Beatriz Bueno • É possível pensar pardo como uma autoidentificação válida? • Quais são as problemáticas de um debate racial pautado no preto e no branco? • Como você enxerga o problema de estudantes mestiços terem as candidaturas deferidas por não serem "negros o suficiente"?	

Perguntas para os entrevistados pardos e negros

- Qual a sua cor
- Por que você se identifica assim?
- Você já teve sua cor questionada?
- Pra você, o que é pardo?



APÊNDICE B - ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

	CENA	NARRAÇÃO
	TELA PRETA - SILÊNCIO TOCA MÚSICA Inclassificáveis - Ney Mato Grosso) Enquanto toca, aparecem rostos em close-up, rostos de mulheres e homens pretos e pardos, com os mais diferentes fenótipos. A tela fica preta e a música aumenta.	
	Milena narrando	NÃO É SEGREDO QUE O BRASIL É UM PAÍS COLORIDO// COLORIDO NA BANDEIRA/ NAS COMIDAS/ NAS VESTIMENTAS E TAMBÉM NAS PESSOAS //
	Takes de ruas/ feiras	CAMINHANDO PELAS RUAS/ NAS FEIRAS/NOS CENTROS/ EM SHOWS/ VOCÊ ENCONTRA ROSTOS E CORPOS DE TODOS OS TAMANHOS / FORMATOS E CORES//
	Milena narrando Takes de pessoas se autodeclarando	E NA HORA DE AUTODECLARAR/ O QUE NÃO FALTA É TERMO//
	Milena narrando Conforme as cores são faladas, a palavra irá aparecer na tela	OFICIALMENTE/ PELO IBGE EXISTEM 5 CORES OU RAÇAS // SÃO ELAS: BRANCO / PRETO / AMARELO / INDÍGENA E PARDO // E É DESSE ÚLTIMO GRUPO QUE NÓS VAMOS FALAR



	Milena apresentando Pessoas acima explicando o que elas acham dos pardos	PARDOS SÃO A MAIORIA SEGUNDO O CENSO DE 2022 DO IBGE // SÃO MAIS DE 92 MILHÕES DE BRASILEIROS, O EQUIVALENTE A 45,3% DA POPULAÇÃO MAS AFINAL/ QUEM SÃO OS PARDOS?
	Milena apresentando	DE ACORDO COM O IBGE PARDOS SÃO OS QUE SE IDENTIFICAM COM MISTURA DE DUAS OU MAIS OPÇÕES DE COR OU RAÇA, INCLUÍDO BRANCA, PRETA, PARDA E INDÍGENA
		E QUANDO FALAMOS SOBRE ESSA GRANDE PARCELA DA POPULAÇÃO / ESTAMOS FALANDO DE UM PROCESSO DE EMBRANQUECIMENTO DA HISTÓRIA DO BRASIL
	Thaize vídeo 01 (3m)	
		A IDEIA DE QUE PARDOS SÃO NEGROS GANHOU FORÇA NO INÍCIO DOS ANOS 80 / QUANDO SOCIÓLOGOS PERCEBERAM QUE ESSES DOIS GRUPOS / PARDOS E NEGROS / COMPARTILHAVAM DE UMA MESMA HERANÇA DE VULNERABILIDADES E OS MESMOS ÍNDICES SOCIAIS E ECONÔMICOS //
	Thaize vídeo 02 (00m59s)	



	Milena narrando	O OBJETIVO DESSA JUNÇÃO ERA BEM DEFINIDO: RESGATAR A IDENTIDADE RACIAL NEGRA E MOBILIZAR UM MOVIMENTO ANTIRRACISTA MAIS UNIFICADO // PORÉM / 40 ANOS DEPOIS /AINDA NÃO HÁ UM CONSENSO GERAL/ E O PROBLEMA SE AGRAVA QUANDO A COR DA PELE E OS TRAÇOS FÍSICOS VIRAM UM PROBLEMA DE POLÍTICAS PÚBLICAS
	Takes da UFMS	AS COTAS RACIAIS EM UNIVERSIDADES E CONCURSOS PÚBLICOS SÃO PROGRAMAS PENSADOS PARA A INCLUSÃO DE GRUPOS HISTORICAMENTE EXCLUÍDOS / VISANDO UM AMBIENTE MAIS DIVERSO E PLURAL // PORÉM/ NÃO É INCOMUM OCORRER CASOS DE USO INDEVIDO DAS COTAS POR PESSOAS BRANCAS / ASSIM COMO CASOS DE VAGAS NEGADAS A PESSOAS QUE / DE ACORDO COM A BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO / NÃO CORRESPONDEM AOS CRITÉRIOS EXIGIDOS //
	Ingrid vídeo 01	Eu acredito que é a banca, é um mecanismo muito importante quando a gente tá falando de garantia de direitos, porque ela veio pra pra garantir que realmente as pessoas que se enquadrem nesse grupo ingressem na universidade.



		Pra vocês terem uma ideia, a gente começa a UFMS, começou com as bancas em 2017. A lei de cotas para ingresso na graduação é de 2012. 2012 até 2017 o estudante entrava só com a alta declaração aí, o que que estava acontecendo. As pessoas negras não estavam acessando, porque bastava a pessoa assinar um documento e já estava matriculado. (05:34) E aí, as pessoas negras não tava ingressando na universidade e aí, o próprio movimento negro que era contrário a essas bancas, começou a perceber isso e aí eles começaram a reivindicar. Participante 2 (05:54) Muitos discordam. Falam que é tribunal racial. Eu não vejo dessa forma. Eu acho que a banca tá pra garantir direitos, tanto que é. Nós estamos começando a ver uma universidade mais plural. Mais diversificada. --- Claro que não deixa de ser uma coisa subjetiva. Participante 2 (06:32) Eu reconheço a subjetividade das bancas. Também as bancas podem errar. Existe uma linha muito tênue?
--	--	--



		Participante 2 (06:39) Você cometer uma injustiça indeferir um candidato que? Possa, né? As características ou de você acabar definindo uma pessoa que não tem esse direito.
	Aline_01	Participante 2 (00:54) Então foi o meu primeiro vestibular. Eu saí do ensino médio. Já fiz o vestibular e tinha a ampla concorrência negro e parda e indígena, se eu não me engano. Coloquei com pardo. Foi o meu primeiro então eu peguei e fiz a prova. Fui aprovada, fui fazer a banca só que assim no momento em que eu estava sendo avaliada, já sentia assim que eu acho que não vai dar certo. Não sei porquê, mas eu tive esse sentimento. Participante 2 (01:30) Mas aí, eu fui embora e tal realmente não fui aprovada. E daí eu fiquei sem entender porque eu não me declarei negra. Eu sei que eu não sou negra, mas na minha cabeça eu sou parda.
	Ingrid vídeo 02	Participante 2 (07:44) Eu acho, o termo pardo, uma questão muito ampla. Justamente por conta que, do nosso contexto, nós somos um país muito miscigenado, então se a gente for pensar de uma



		maneira mais genérica, todos nós somos partos. Porque todos nós fomos a mistura das 3 raças, né? Participante 2 (08:01) E o que falta realmente falta esse entendimento por parte da população? Então, muito candidato. Chega pra gente lá e fala não, mas não minha certidão de nascimento tá escrito pardo, então por ele tá ter essa denominação. -----
	Thaize vídeo 03	Quando a gente diz então que a maior parte do Brasil é negra que a maior parte da população brasileira é negra. A gente tá considerando, principalmente essa população para que é realmente quase a metade né da população. -- A população preta das pessoas de pele mais escura realmente são em torno de 10%. Então, a grande maioria das pessoas negras no Brasil são pessoas pardas. São pessoas negras de pele, mais clara, né e enfim, e outros que a gente pode identificar.
	Aline_02	Participante 1 (03:30)



		Como você se sentiu tendo sua identidade questionada? Participante 2 (03:49) É bem confuso. A gente fica assim se eu não sou parda. Eu sou o que então porque negra, eu sei que eu não sou. Participante 2 (03:57) Se eu falar que eu sou negro, o negócio vai falar pra mim. Você não é negra branca. Também sei que eu não sou; Então, assim é estranho. É uma sensação muito estranha.
	Ingrid_03	Os critérios são exclusivamente fenotípicos...